

RECUPERANDO HISTORIADORES FRAGMENTÁRIOS: O PROBLEMA DA RECUPERAÇÃO DA HISTÓRIA DA SICÍLIA GREGA EM TIMEU

Marcello de Albuquerque Maranhão¹

RESUMO

Examinamos o problema da recuperação de historiadores fragmentários – aqueles cujas obras nos chegaram com grandes lacunas em relação ao trabalho original. Centramos o problema na recuperação de Timeu de Taormina, historiador grego dos séculos IV-III BCE², conforme o método de Pearson (1988) e principalmente de Baron (2013), que faz crítica a Pearson e a Jacoby.

ABSTRACT

We examine the problem of recovery of fragmentary historians - those whose works have reached us with large gaps in relation to the original work. We focus on the problem of recovering Timaeus of Taormina, the Greek historian of the IV-III centuries BCE, in accordance with the method of Pearson (1988) and specially Baron (2013), which does the critics to Pearson and Jacoby approaches.

Timeu de Taormina (n.c. 350 - m.c. 260 BCE) foi um historiador grego do período em que possivelmente mais se perderam obras de historiografia escritas em grego sobre os gregos, o período Helenístico.

Entre Xenofonte – *Helênicas* – (IV BCE) e Flávio Josefo – *Guerras Judaicas* (I CE) nenhuma obra de História escrita em grego chegou aos nossos dias completa. Apenas

¹ Marcello de Albuquerque Maranhão (UFPel), Especialista em História e Cultura Antiga (UFF). Projeto atual: *A HISTORIOGRAFIA GREGA ANTIGA SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE GREGOS E NÃO-GREGOS NA SICÍLIA ORIENTAL, DO SÉCULO VIII ÀS INVASÕES ATENIENSES: ENTRE ETNIA, FRONTEIRA CULTURAL E ESPAÇO GEOGRÁFICO*. E-mail: brazidas@yahoo.com.br. O autor é Mestrando do PPGH Ufpel sob a Orientação do Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

² BCE – Before Common Era (Antes da Era Comum). A periodização BCE/CE vem ganhando espaço entre Classicistas pois dessacraliza o calendário ocidental e contribui para a construção de uma Ciência laica.

as obras de três autores deste período chegaram em partes extensas – Políbio, Diodoro Sículo e Dionísio de Halicarnasso (BARON, 2013³)

Timeu não fugiu à regra de seu tempo. Sua obra foi quase toda perdida para nosso tempo e referências sobre ela escasseiam muito antes, a partir do séc. I. A maior parte do que se sabe sobre ela está em Políbio (203-120 BCE), livro XII.

Na *Die Fragmenta grieschichen Historiker*⁴ de Jacoby, porém há centenas de autores deste período. Cerca de 2,5 % de toda a produção histórica da Antiguidade Clássica chegou ao nossos dias. (STRASBURGER, 1977: 175-81)

Mesmo Heródoto, Tucídides e Xenofonte eram valorizados no mundo antigo por serem “estilistas literários” e não historiadores.

Os problemas, segundo Baron, que levaram à perda das obras dos historiadores Helenísticos: 1 – Caíram vítimas da moda Aticizante que dominou a literatura Grega na época do Império Romano; 2 – A historiografia grega do período sofreu um revés ainda maior: os romanos só se interessavam pelo período Clássico e pela história da conquista romana do mundo grego. Ex: Ainda que Timeu também escrevesse em grego ático e morasse em Atenas, seu tema não era interessante para os Romanos, que não queriam saber da história das colônias gregas na Sicília e na Itália – temas principais de Timeu – exceto a partir do momento em que estas colônias entraram em contato com os Romanos. E a quase totalidade da obra de Timeu não tratava deste período; 3 – Por fim, os trabalhos de muitos historiadores gregos foram resumidos em obras posteriores.

Quando uma obra antiga se perde, isto nada diz à respeito da qualidade daquela obra, mas sim do interesse que despertou no público que consumia literatura

³ OBS: As notas referentes a esta obra não tem numeração de página, pois se tratava de livro ainda não lançado – previsto para 28.01.2013 – na época de nossa leitura, cujo resumo foi obtido através do e-reader kindle que usa um sistema de paginação chamado ‘locações’.

⁴ A FGrH é a obra de referência para coletâneas de fragmentos de historiadores gregos fragmentários ou completamente perdidos. Redigida por Felix Jacoby entre 1923-1959.

na época em que foi lançada (BARON, 2013). Na Antiguidade e até o surgimento da Imprensa de Gutemberg no século XVI, livros eram ao mesmo tempo objetos de luxo e obras de arte, com ‘tiragem’ extremamente restrita. Assim, se uma obra despertava pouco interesse das elites da época – e nem sempre era uma questão política – estava quase sempre destinada ao sumiço, pois poucas cópias da mesma seriam produzidas, quiçá nem mesmo mais de uma.

A maioria dos fragmentos de historiadores gregos não são restos encontrados de suas obras. São antes citações e resumos feitos em obras posteriores. Chegam a nós em uma forma mediada, sem as mesmas preocupações e ‘metodologia’ dos autores. Então é preciso estudar esses historiadores sobreviventes para ter uma idéia do tipo de informação que eles preservaram dos historiadores perdidos.

O TEXTO-CAPA

Schepens (SCHEPENS, 1997, p. 166) designa assim os textos dos quais tiramos os fragmentos dos historiadores perdidos.

Problemas

- Ausência do contexto original no qual aquele fragmento aparecia.
- Citações diretas são incomuns, e mesmo autores que clamam citar autores fragmentários na íntegra já foram desmentidos por estudos atuais.
- Passagens são tiradas de contexto pelo autor que as cita.
- Não há referência dos livros citados ou do momento da narrativa.

Perguntas ao texto-capa

- Por que o autor incluiu um dado fragmento?
- Quais comentários ou informações – se algum – ele incluiu sobre o trecho citado?

- Apresentou o fragmento como fato, testemunho ocular, versão entre outras ou rumor?
- A questão mais importante de todas: o fragmento é representativo de todo o trabalho?

RETÓRICO, TRÁGICO, PRAGMÁTICO

A classificação dos historiadores gregos em retóricos, trágicos e pragmáticos não é mais um exercício útil. E segue as críticas de Políbio. Este se via como sucessor de Tucídides e classificava todos os historiadores segundo sua aproximação ou distância da obra de Tucídides.

A famosa verbosidade de Políbio contra Timeu – quase 30 citações⁵, em sua maioria negativa, sobre ‘como se fazer história’ ou sobre omissões e suposta ignorância de Timeu – se deve muito ao fato de que Timeu era sempre referenciado sobre a História da Sicília. *“Timaeus is to be taken seriously. And that is fundamentally why Polybius gives him no quarter”* (Timeu deve ser levado a sério. E é por isso, principalmente, que Políbio não lhe dá trégua). (WALBANK, 1990: 54)

A PROBLEMÁTICA SOBRE TIMEU

Timeu de Taormina é um historiador fragmentário do qual restou uma razoável quantidade de evidências. Novas perspectivas tanto sobre a escrita da História tanto

⁵ Principalmente no livro XII de Políbio.

nos dias de hoje quanto na época antiga superaram o último ensaio em língua inglesa⁶ mais extenso sobre Timeu, o de Truesdall Brown de 1958 (BARON, 2013).

A importância de Timeu não é só por que se tornou referência para a História dos Gregos Ocidentais, mas também: a) Por causa da sua extensa pesquisa sobre Cronologia; b) Pela sua influência sobre a Historiografia Romana.

A chegada de Timeu em Atenas deu-se num período de turbulências, em que as escolas filosóficas tomavam ativa parte na política. Há poucos dados biográficos sobre ele e sua obra, e mesmo assim muito se escreveu sobre ambos. O ensaio de Momigliano sobre sua vida e obra, e a Atenas de seu tempo é especialmente interessante (MOMIGLIANO, 1977: 37-66).

A narrativa de Timeu ganhou a fama de ser ácida contra historiadores que o precederam, a ponto de os atenienses o terem apelidado de *Timaios Epitimaos* - Timeu, o descobridor de defeitos (BARON, 2013; MOMIGLIANO, 1977: 39)

FERRAMENTAS PARA O ESTUDO DE HISTORIADORES FRAGMENTÁRIOS

1 – Metodologia sólida

i) É necessário tentar rearranjar os fragmentos presentes no texto-capa (p.e. Tentar ler Timeu sem os juízos de valor de Políbio)

⁶ Chamamos a atenção para os trabalhos em língua inglesa por dois motivos: primeiro as escolas britânica – em maior grau – e a americana (dos E.U.A.) produziram importantes trabalhos na área de Clássicos devido a escolhas que essas duas sociedades fizeram ainda no século XIX. O *Filehelenismo* britânico iniciou todo o processo de re-estudo da Antiguidade Clássica do qual somos herdeiros até hoje. Segundo, a divulgação de qualquer trabalho acadêmico em língua inglesa supera qualquer outro idioma galhardamente – por motivos óbvios – e serve de base para a divulgação de produções acadêmicas de um país em outros.

ii) O processo de coleta dos fragmentos em si pode levar a uma esquematização danosa para o entendimento do material.

2 – Classificações menos estanques e menos valorativas

Ao invés da classificação polibiana, orientada pelos preconceitos de sua época e por demais tucidideana, melhor seria a classificação de Strasburger: divisão entre uma tradição tucidideana e outra herodotiana. Mas tal classificação apenas para definir linhas-mestras para interpretar o material, não como categorias forçadas sobre as evidências.

Necessário lembrar que a escolha de Tucídides como historiador-modelo teve sua época e ainda tem seus adeptos. Mas basicamente no século XIX três influentes historiadores – Ranke, Macaulay e Eduard Meyer – foram os responsáveis por essa visão que perdurou tanto tempo e aos poucos vem sendo superada (MOMIGLIANO, 1990: 1, 29-53).

OS PERIGOS DAS COLEÇÕES DE FRAGMENTOS

Die Fragmente der griechischen Historiker – Jacoby. Tesouro e armadilha.

As coleções de fragmentos da FGrH são o resultado de decisões editoriais de Jacoby. Trechos que ele recolheu em Políbio. Mas importa ler as partes da obra de Políbio em que os trechos de Timeu aparecem – e não só os próprios trechos – para dar-mo-nos conta da Polêmica em que Políbio envolveu Timeu (o modo ‘certo’ de escrever História). A FGrH é o elo final de uma longa lista de excertos compilada ao longo de 2300 anos. Portanto a metodologia também precisa determinar a validade destes resumos.

A RIGIDEZ DA QUELLENFORSCHUNG NO XIX

A *Quellenforschung* – literalmente ‘pesquisa nas fontes’ no original alemão – foi um produto da filologia alemã sobre fontes antigas no século XIX e dizia respeito a uma série de fórmulas fixas para se estudar as fontes antigas. Estas fórmulas tinham a intenção de facilitar o estudo das mesmas, especialmente das fontes fragmentárias.

Ex: Lex Volquardsen (1868)

- “*Diodoro usava apenas uma fonte por assunto*”

- Como cada autor preserva certas características, seria possível identificar os trechos de dado autor nas compilações de Diodoro.

Para Baron (2013) isto não se aplica. Seria inútil, por exemplo, procurar trechos de Timeu onde ele não é explicitamente nomeado até termos um entendimento adequado de sua historiografia. Baron faz a crítica ao principal trabalho sobre Timeu em língua inglesa desde 1958, o de Pearson (1988) que teria sido produzido numa época em que as rígidas regras da *Quellenforschung* ainda seriam seguidas à risca. Pearson fez uma obra excelente de estudos comparativos sobre Timeu, mas tenta concluir quais autores teria lido esta ou aquela informação em Timeu com muito poucas informações para ter segurança em alguns momentos. A vantagem maior do trabalho de Pearson é o uso de bibliografia sobre trabalhos arqueológicos, especialmente Brea (1957), para por vezes refutar o que está escrito em Timeu ou outros historiadores antigos, fragmentários ou não.

A RECONTEXTUALIZAÇÃO

1 - Cuidado com os fragmentos. Não se usa o texto de Políbio para estudar Timeu e sim o que Políbio pensava sobre Timeu.

2 - Mover-se para fora do pensamento de Políbio e considerar o contexto no qual Timeu elaborou seu trabalho (VATTUONE, 1991: 11-13)

CONCLUSÃO

O trabalho com fontes fragmentárias das civilizações clássicas é ao mesmo tempo reconstrução, tradução, interpretação e dedução. O conhecimento dos idiomas antigos (grego, romano) é uma ferramenta facilitadora, embora hoje os recursos disponíveis online possam substituir com vantagem o conhecimento rudimentar desses idiomas. Ex: *Perseus Project*.

O exercício constante do ir e vir do historiador são os mais essenciais. Não conseguiremos interpretar uma obra escrita em uma época distante da nossa sem conhecermos os problemas que permearam a época em que a obra foi produzida – contexto que falta a muitos tradutores. E isto é tanto mais importante em uma obra que pretenda narrar e/ou analisar eventos de sua época ou épocas anteriores. Quando se trata de uma obra fragmentária, conhecer o contexto da época se torna capital, praticamente tudo.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

Políbio, *História*. Brasília, Ed. UNB, 1985

Timeu. In: JACOBY: *Die Fragmenta der grieschichen Historiker*. Leiden, Netherlands: Koninklijke Brill, 1999.

DEMAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARON, Cristopher. *Timaeus of Tauromenium and hellenistic historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BREA, Bernabò. *Sicily before the Greeks*. London: Thames & Hudson, 1957.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Essays in ancient and modern historiography*. Middletown: Wesleyan University Press, 1977.

_____. *The classical fundations of modern historiography*. Berkeley: University of California Press, 1990.

PEARSON, Lionel. *The greek historians of the west*. New York: Oxford University Press, 1988.

STRASBURGER, Hermann. Umblick im Trümmerfeld der griechischen Geschichtsschreibung. In: *Historiographia antiqua. Festschrift für Willy Peremans*, Leuven: Universitaire Pers Leuven, 1977, pp. 3-52

VATTUONE, Riccardo. *Sapienza d'occidente : il pensiero storico di Timeo di Tauromenio*. Bologna: Patron Ed., 1991.

WALBANK, Frank W. *Polybius*. Berkeley, Los Angeles, London: UC Press, 1990.